



O Milagre de Natal de Jonathan Toomey

As crianças da aldeia chamavam-lhe Senhor Gloomy¹, mas, na realidade, o seu nome era Toomey, Jonathan Toomey. E, embora não seja delicado pôr alcunhas às pessoas, aquela fazia sentido, pois o homem raramente sorria e nunca se ria. Resmungava, murmurava e queixava-se. Queixava-se de que os sinos da igreja tocavam com demasiada frequência, de que os pássaros cantavam alto demais, e de que as crianças faziam muito barulho a brincar.

O Senhor Toomey esculpia madeira, e havia quem dissesse que era o melhor entalhador de todo o vale. Durante o dia, trabalhava numa bancada, talhando belas peças

¹ "Gloomy" em inglês quer dizer "sorumbático". (N.T.)

a partir de blocos de pinheiro, nogueira e castanheiro. À noite, depois do jantar, sentava-se numa cadeira de espaldar junto à lareira, a fumar cachimbo e a contemplar as chamas.



Jonathan Toomey não era um homem velho, mas caminhava curvado e fitando o chão. Era difícil ver os seus olhos azuis, ou contemplar a covinha do seu queixo, pois o rosto estava praticamente escondido por uma barba mal cuidada, salpicada de serradura e de aparas de madeira.

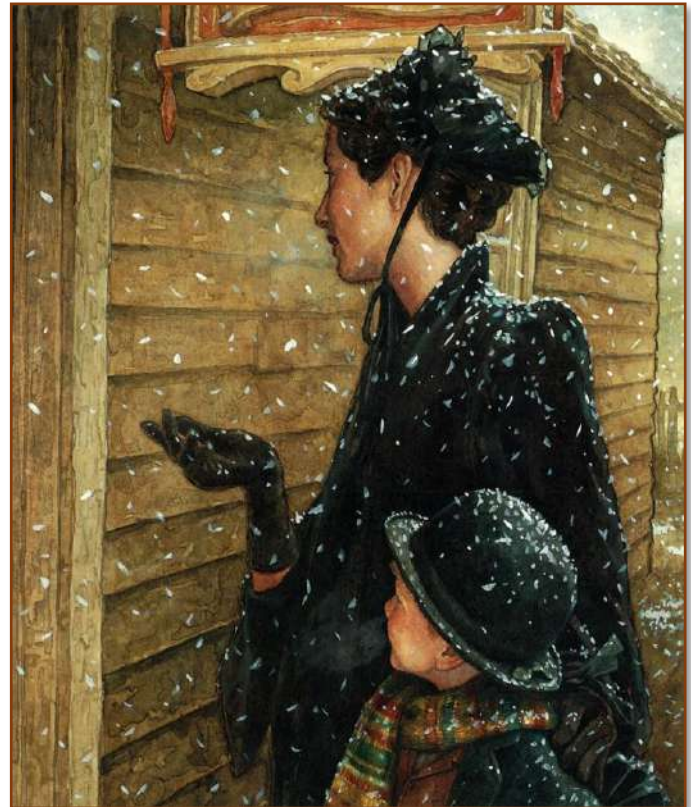
As pessoas da aldeia ignoravam o motivo do seu abatimento, dos seus resmungos, e do seu caminhar dobrado. Ignoravam que, alguns anos antes, quando ainda era um homem novo cheio de vida e de amor, Jonathan vira a sua mulher e o seu bebé adoecerem gravemente. Sem hospitais, médicos ou medicamentos disponíveis, tinham ambos morrido com apenas três dias de diferença. Toomey tinha colocado todos os seus pertences numa carroça e viajado até as suas lágrimas secarem. Ao chegar a uma aldeia, instalou-se numa casa pequenina, e decidiu que faria ali as suas esculturas em madeira.



Um dia, no início de dezembro, Jonathan ouviu bater à porta. Atendeu, contrafeito, e deparou-se com uma mulher e um rapaz.

A mulher apresentou-se:

— Sou a viúva McDowell, e este é o meu filho, Thomas. Mudámo-nos recentemente.



— Tenho sete anos e já sei assobiar — gabou-se Thomas.

— Assobiar não tem qualquer interesse — proferiu o escultor com aspereza.

— Precisava que me fizesse umas esculturas — disse a mulher, ignorando o comentário dele.

Em seguida, explicou-lhe que queria um conjunto de figuras de Natal, semelhante ao que o avô esculpira para ela quando era menina.

— Dei pela falta delas quando vim para cá. Tinha esperança de as encontrar, mas, infelizmente, esse milagre não aconteceu.

— Não existem milagres — declarou o escultor de madeira sem quaisquer rodeios.
— Poderia descrevê-las?

— Havia algumas ovelhas — começou ela.

— Duas ovelhas com lã encaracolada — precisou Thomas.

— Sim, e também uma vaca, um anjo, Maria, José, o Menino Jesus e os Reis Magos.

— Eram três reis — frisou o filho.

— Pode aceitar a encomenda? — perguntou a viúva.

— Posso — respondeu Jonathan prontamente.

- Agradeço-lhe imenso. Quando acha que estará pronta?
- Quando estiver pronta — respondeu, brusco.
- Preciso das figuras até ao Natal, pois nunca passei um Natal sem elas.
- O Natal é um disparate! — exclamou o homem, fechando a porta.

Na semana seguinte, mãe e filho regressaram, e, entre resmungos, Jonathan abriu-lhes a porta.

— Peço desculpa, mas o meu filho insiste em vê-lo trabalhar. Diz que, um dia, quer ser entalhador, e que gostaria de aprender o ofício consigo, visto ser considerado o melhor de todo o vale.

— Prometo que vou portar-me bem. O senhor nem vai dar pela minha presença... — assegurou Thomas.

Murmurando um comentário mal-humorado que ninguém percebeu, o escultor deixou-os entrar. Apontou para um assento perto da sua bancada de trabalho, e ordenou, dirigindo-se a Thomas:

- Não falas, não te mexes, e não fazes barulho!

Em sinal de agradecimento, a viúva McDowell ofereceu ao Senhor Toomey um pão de milho quente que trouxera consigo. Depois, retirou o tricô da bolsa e sentou-se numa cadeira de baloiço, no canto mais afastado da casa.

- Ninguém pode sentar-se nessa cadeira! — bradou o escultor.



Sem proferir palavra, a viúva mudou-se para a cadeira de espaldar junto da lareira. Thomas, entretanto, permaneceu imóvel. Quando sentiu vontade de espirrar, apertou o nariz com os dedos, e quando sentiu comichão numa das pernas, contou até vinte para se abstrair. Passado algum tempo, porém, clareou a garganta e sussurrou:

— Senhor Toomey, posso fazer uma pergunta?

O entalhador olhou-o fixamente, encolheu os ombros e resmungou. Thomas interpretou a reação do homem como um “sim” e prosseguiu:

— Está a esculpir a minha ovelha?

O escultor acenou com a cabeça e resmungou de novo. Depois de um longo silêncio, Thomas sussurrou:

— Senhor Toomey, o senhor não está a esculpir bem a minha ovelha.



As agulhas de tricotar da viúva McDowell deixaram de trabalhar, e a faca de Jonathan Toomey parou de esculpir. Thomas continuou:

— Não há dúvida de que essa é uma ovelha muito bonita e encaracolada, mas as minhas ovelhas tinham um ar feliz.

— Que disparate! — exclamou o Senhor Toomey. — As ovelhas não passam de ovelhas, e não precisam de ser felizes!

— As minhas eram felizes. Estar junto do Menino bastava para as fazer felizes.

Depois deste comentário, Thomas permaneceu calado durante o resto da tarde. Quando os sinos da igreja tocaram a assinalar as seis horas, o Senhor Toomey resmungou por causa do barulho, e a viúva McDowell disse que era tempo de irem embora. Thomas agradeceu ao escultor o ter-lhe permitido observar o seu trabalho.

Nessa noite, após um jantar de batatas cozidas e pão de milho, o homem sentou-se à bancada, pegou na faca e na ovelha, e trabalhou até as suas pálpebras se fecharem.

Uns dias depois, mãe e filho bateram de novo à porta do Senhor Toomey, e este voltou a abri-la a resmungar.

— Posso vê-lo a trabalhar? — perguntou Thomas de chofre. — Prometo que não faço barulho.

O rapazinho sentou-se silenciosamente, enquanto a mãe colocava um cesto de pãezinhos de uvas passas sobre a mesa.

— O bule ainda está quente — disse o escultor com alguma brusquidão, mantendo a cabeça inclinada sobre o trabalho.

Enquanto ele esculpia, a viúva McDowell serviu o chá. Em seguida, tocou-lhe ao de leve no ombro e colocou uma chávena de chá e um pãozinho junto dele. O homem fingiu não reparar, mas tanto o prato como a chávena acabaram por ficar vazios.

Thomas tentou comer o pãozinho que a mãe lhe dera o mais silenciosamente possível. Contudo, aos sete anos, é quase impossível saborear um pãozinho de uvas passas quente e pegajoso sem lambe-los os lábios e soltar um pequeno ruído de satisfação.

Depois de terminar, Thomas esforçou-se por permanecer em silêncio. Para evitar um soluço, respirou fundo e susteve a respiração até ficar com a cara vermelha. Em seguida, começou a balançar as pernas, mas parou imediatamente ao sentir o olhar do escultor. De tão imóveis, as pernas acabaram por adormecer.

Após algum tempo, Thomas sussurrou:

— Senhor Toomey, posso fazer uma pergunta?

Ouviu-se um resmungo.

— Está a esculpir a minha vaquinha?

Ouviu-se um novo resmungo.

Depois de um longo silêncio, Thomas clareou a garganta e disse:

— Senhor Toomey, preciso de lhe dizer uma coisa. Essa é a vaca mais bela que alguma vez vi, mas não tem lá muito bom aspeto. Sabe, a minha vaca sentia-se encantada.

— Que disparate! — exclamou o Senhor Toomey. — As vacas não passam de vacas, e não precisam de se sentirem encantadas.

— Mas a minha vaca sentia-se, porque o Menino ia nascer no estábulo dela.

Depois de ter feito este comentário, Thomas decidiu ficar calado durante o resto da tarde. Os únicos sons que se ouviam eram o raspar da faca de esculpir e o estalido das agulhas de tricotar da viúva.

Quando os sinos da igreja tocaram a assinalar as seis horas, o Senhor Toomey resmungou por causa do barulho, e a viúva McDowell disse que era tempo de irem embora. Thomas agradeceu ao escultor o ter-lhe permitido observar o seu trabalho.

Nessa noite, após um jantar de batatas cozidas e pãozinhos de uvas passas, o homem sentou-se à bancada, pegou na faca e na vaca, e trabalhou até as suas pálpebras se fecharem.

Uns dias depois, mãe e filho bateram de novo à porta do Senhor Toomey, que alisou o cabelo antes de atender.

— Posso vê-lo a trabalhar? Prometo que não faço barulho — disse Thomas.

Enquanto a viúva McDowell aquecia o chá e colocava um prato de bolachas de melaço na bancada de trabalho, Thomas reparou que o escultor tinha começado a esculpir a figura de um anjo.



Passado algum tempo, perguntou:

— Senhor Toomey, está a esculpir o meu anjo?

— Estou. Podes fazer o favor de me dizer o que estou a fazer de errado?

— Bem, o meu anjo parecia um dos anjos mais importantes de Deus, porque foi enviado ao Menino Jesus.

— E como se dá a um anjo um ar importante? — perguntou o escultor.

— De certeza que o senhor sabe. Afinal de contas, é o melhor entalhador do vale.

Passado mais algum tempo, Thomas disse:

— Senhor Toomey, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Será que nunca te calas? — perguntou o homem.

— A minha mãe diz que não, e que eu bem poderia aprender consigo a virtude do silêncio.

A cara de Jonathan ficou corada, e o rosto da viúva McDowell ficou tão vermelho como a peça que tricotava.

— O que querias perguntar-me?

— Pode ensinar-me a esculpir?

— Como vês, sou um homem muito ocupado — resmungou, pousando o anjo. — Mas tu podes esculpir um pássaro.



— Gosto muito de piscos — afirmou Thomas.

Com um pedaço de carvão, o escultor desenhou um pisco sobre uma folha de papel pardo. Em seguida, entregou a Thomas um pequeno bloco de pinho e uma faca. Mostrou-lhe como abrir os cantos do bloco e arredondar as arestas da madeira. Thomas esforçou-se por copiar os gestos dele, e até mesmo a sua postura.

Quando os sinos da igreja tocaram a assinalar as seis horas, o Senhor Toomey resmungou por causa do barulho, e a viúva McDowell disse que era tempo de irem embora. Thomas limpou algumas aparas de madeira da camisa e, com cuidado, removeu também pequenos fragmentos de serradura da barba de Jonathan. Em seguida, agradeceu-lhe a lição de escultura.

Nessa noite, após um jantar de batatas cozidas e bolachas de melão, o homem foi sentar-se à bancada de trabalho. Refletiu durante bastante tempo, e esboçou desenho após desenho. Finalmente, pegou na faca e no anjo, e esculpiu até as suas pálpebras se fecharem.

Uns dias depois, mãe e filho bateram de novo à porta do Senhor Toomey, que foi a correr abrir a porta.

A viúva McDowell carregava uma braçada de ramos de pinheiro e de azevinho salpicado de bagas, e Thomas trazia na mão o pisco parcialmente esculpido.

Enquanto ambos trabalhavam, a mãe esfregou a mesa da cozinha. No centro, sobre um bonito pano bordado com lírios do vale e margaridas — que encontrou na gaveta de um armário —, colocou uma jarra com os ramos.

— Agora, vou esculpir os Reis Magos e José — disse o escultor a Thomas. — Mas, antes de começar, talvez me possas dizer que erros não devo cometer.

— Bem, os meus Reis Magos tinham colocado as suas melhores vestes para visitar o Menino, e o meu José estava inclinado sobre ele com um ar muito compenetrado, como se estivesse a protegê-lo.

Só quando os sinos da igreja tocaram a assinalar as seis horas, e a viúva e o filho estavam quase a sair, é que o Senhor Toomey reparou na jarra, na mesa esfregada, e no pano bordado com lírios do vale e margaridas.

— Encontrei o pano numa gaveta. Pensei que ficaria bonito na mesa — disse a viúva McDowell, sorrindo.

— Não quero que volte a abrir essa gaveta — disse o escultor, num tom magoado.

Depois da saída de ambos, guardou o pano.

Nessa noite, após um jantar de batatas cozidas, o homem esculpiu as figuras de José e dos Reis Magos até as suas pálpebras se fecharem.

Alguns dias mais tarde, mãe e filho bateram de novo à porta do escultor, que, antes de abrir, limpou as migalhas de pão da barba e escovou a serradura da camisa.

Nessa tarde, Thomas ficou em silêncio a vê-lo trabalhar. Quando chegou a hora de irem embora, Jonathan disse-lhe:

— Estou prestes a começar a esculpir Maria e o bebé. Podes descrever-me as tuas figuras?

— Eram as mais especiais de todas — disse Thomas. — O Menino sorria junto de sua mãe, e Maria parecia amá-lo muito.

— Obrigado, Thomas — agradeceu o escultor.

— Amanhã é Natal. Acha que as figuras já estarão prontas? — perguntou a viúva McDowell.

— Estarão prontas quando estiverem prontas.

— Compreendo — disse a mulher, entregando-lhe dois embrulhos. — Feliz Natal! — desejou.

Jonathan cruzou os braços sobre o peito.

— Não quero presentes — disse, contrariado.

— É exatamente por isso que lhos damos — retorquiu a viúva, colocando-os sobre a mesa e saindo.

O homem sentou-se à mesa e, devagar, abriu o primeiro embrulho: um cachecol vermelho, tricotado à mão, quente e alegre. Sem hesitar, colocou-o à volta do pescoço. No segundo embrulho, encontrou um pisco, rudemente esculpido em madeira de pinho. Jonathan sorriu ao passar os dedos pelas asas inclinadas. Limpou a cornija da lareira com a manga da camisa, e pousou o pisco bem no centro para o poder admirar da sua cadeira.

Nessa noite, o escultor não jantou. Em vez disso, tentou esboçar as figuras de Maria e do Menino Jesus. Como não se sentia inspirado, acabou por deitar os esboços e os pedaços de madeira na lareira, sentando-se depois a contemplar as chamas.

Quando ouviu os sinos da igreja a anunciar a missa da meia-noite, levantou-se e abriu lentamente a gaveta que a viúva estava proibida de abrir. Tirou de lá o pano bordado com lírios do vale e margaridas, um xaile de lã e um lenço de renda. Depois, tirou um

pequeno cobertor branco de bebê e um par de meias azuis, colocando cada peça com cuidado no chão.



Do fundo da gaveta, tirou uma moldura lindamente esculpida em madeira castanha. Dentro dela, um desenho a carvão mostrava uma mulher sentada numa cadeira de baloiço, segurando um bebê cujos braços tocavam ternamente no seu rosto, que sorria para a criança. Jonathan sentou-se na cadeira de baloiço, segurou a fotografia contra o peito e balançou-se lentamente, com os olhos fechados. Duas lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto. Quando finalmente levou a fotografia para a bancada de trabalho e começou a esculpir, os seus dedos moveram-se de forma rápida e segura. Trabalhou assim durante toda a noite.

No dia seguinte, bateu à porta da viúva McDowell.

Quando ela atendeu, viu que o escultor tinha o cachecol vermelho ao pescoço e que segurava uma caixa de madeira.

— Senhor Toomey! Mas que surpresa! Feliz Natal!

— As figuras estão prontas — disse ele.

Jonathan retirou da caixa duas ovelhas encaracoladas e felizes. Em seguida, desembalou uma vaca com uma expressão encantada e um anjo vestido com uma belíssima túnica. Depois, apresentou-lhes os três Reis Magos, que estavam envoltos em mantos magníficos, caindo em ricas dobras. Também desempacotou um

José sério e atento e uma Maria com um xaile de lã áspero, que olhava com ternura para o filho. O Menino sorria e tentava tocar no rosto da mãe.



Nesse dia, Jonathan foi à missa de Natal com a viúva McDowell e com Thomas, e, no adro da igreja, as crianças da aldeia viram, finalmente, os seus olhos azuis e ouviram o seu riso. E nunca mais ninguém lhe chamou Senhor Gloomy...

Susan Wojciechowski, P. J. Lynch (ill.)
The Christmas Miracle of Jonathan Toomey
London, Walker Books, 1995
(Tradução e adaptação)

O Milagre de Natal de Jonathan Toomey

- 1. Por que motivo as crianças da aldeia chamavam “Senhor Gloomy” a Jonathan Toomey?**
- 2. Que acontecimentos do seu passado o transformaram num homem desesperançado e implicativo?**
- 3. O que lhe encomendou a viúva McDowell quando o visitou pela primeira vez?**
- 4. Descreve as características psicológicas de Thomas, tendo em conta os seus comentários acerca de cada peça do conjunto de Natal.**
- 5. Na tua opinião, o que simbolizam os pequenos gestos que a viúva tem para com o entalhador?**
- 6. A presença de ambos contribuiu para uma mudança interior profunda em Jonathan Toomey. Concordas com esta afirmação? Justifica.**
- 7. O que representava a gaveta que Jonathan mantinha fechada, e por que razão decidiu finalmente abri-la?**
- 8. Os presentes que mãe e filho lhe ofereceram causaram nele um forte impacto. Explica porquê.**
- 9. A relação entre o entalhador e a comunidade onde vivia alterou-se no final da história. O que revela essa mudança sobre a importância de criarmos laços afetivos com as pessoas que nos rodeiam?**
- 10. Atribui um título diferente ao texto, e fundamenta a tua escolha.**